

CULTURA

“Às Vezes Neva em Abril”, em estreia, hoje, no Teatro Aberto

Nunca nevou em Lisboa

Manuel João Gomes

Chega hoje aos palcos de Lisboa uma linguagem

se o dialecto dos adolescentes que habitam nos subúrbios dos subúrbios.

O linguajar em que se exprimem os ódios racistas dos violadores e os desesperos dos discriminados. Nasceu o dramaturgo que transporta essa linguagem para o teatro. O nome dele é João Santos Lopes. Ganhou em 1997 o Grande Prémio do Teatro Português.

O cenário é um armazém abandonado

duma estação qualquer, numa linha suburbana. O comboio passa ao lado, sem parar, sem sequer apitar. É nesta terra de ninguém que cinco oficientes brancos — com o cristianíssimos nomes de Gabriel, Rafael, Pedro, Paulo e João — celebram o ritual da violação colectiva duma caboverdiana chamada Madalena. Para depois da violação está prevista a imolação da vítima.

De algum modo, o espectáculo responde cenicamente a perguntas que andam na boca de toda a gente: como se fabrica um racista? como se pode levar um adolescente a odiar um negro por ele ser negro? como se mobiliza o jovem Gabriel para uma guerra de morte aos grunhos?

O regresso ao passado e a evocação, numa linguagem crua, das feridas abertas pela colonização e pela guerra, é um prólogo essencial para acirrar os ódios; mas, tão importante como isso, é a promessa de uma guerra total aos “blacks”, que, mesmo enquanto projecto duma imaginação delirante, acirra as pulsões violentas dos candidatos a violadores e militantes neo-nazis.

Cerimónia sacrificial, com derramamento de sangue e sémen, “Às vezes neva em Abril” é um espectáculo que não aponta soluções. Mas, apesar da conclusão ambígua de que este ódio absurdo “não vai acabar nunca”, porque “está na nossa natureza”, afirmada tanto pelo violador co-

mo pela vítima, o espectáculo é muitoclaro diagnóstico da epidemia que cada dia alastra mais pela Europa. Suficientemente claro para se poder chamar didático. No melhor sentido do termo.

Teatro físico

O texto hiper-realista de João Santos Lopes mereceu em 1997 o Grande Prémio do Teatro Português, no concurso de originais instituído pela Sociedade Portuguesa de Autores e pelo Novo Grupo. Parte integrante do prémio é a obrigatoriedade de o Novo Grupo pôr o texto em cena. Acontece que “Às vezes neva em Abril” se sucede, na programação da companhia, a um ciclo de três espectácu-

los centrados nos problemas da juventude actual, baseados em textos de origem americana, inglesa e irlandesa.

Todos os intérpretes do espectáculo agora estreado participaram em alguns dos espectáculos anteriores. José Jorge Duarte e Paulo Oom, por exemplo, estiveram em “Água Salgada” (peça irlandesa que transformaram num espectáculo brilhante e num sucesso imparável) e tornam a ser, desta vez, presenças fundamentais no psicodrama social concebido por João Santos Lopes — por sinal mais psicodrama, mais violento, mais lúcido e mais desassombrado do que qualquer um dos outros espectáculos do ciclo. São ambos os principais responsá-

veis pela criação da atmosfera carregada que nunca deixa de pairar sobre o Teatro Aberto. Mas, no papel de aprendizes do ódio aos “grunhos”, os mais jovens Pedro Laginha, Philippe Leroux e Ricardo Afonso são três figuras talhadas para este teatro físico, cruel, eletrizante, que — não é difícil adivinhar — fará cócegas nos ouvidos delicados e dividirá as plateias.

Não é a primeira vez que Catarina Matos, recentemente saída da Escola de Teatro, aparece em palcos lisboetas. Mas este papel de vítima dos instintos racistas oferece-lhe uma nova visibilidade que, esperemos, nos trará a oportunidade de a ver com mais frequência. Vale a pena estar alerta. ■

BRUNO RASCÃO



O novo espectáculo do Teatro Aberto conta uma história de racismo que evoca as feridas abertas pela colonização e pela guerra